

Comunicado de Imprensa

Manifesto dos 74 Nascidos depois de 74: *O Inevitável É Inviável.*

Setenta e quatro cidadãos e cidadãs nascidos depois de 25 de Abril de 1974 manifestam a sua inquietação perante «o ataque a algumas conquistas que fizeram de nós um país mais justo, mais livre e menos desigual», alertando para o facto de que a ofensiva que se prepara poder significar um «retrocesso sério, inédito e porventura irreversível». Na sua opinião, essa ofensiva situa-se em três eixos fundamentais: no campo do trabalho, no enfraquecimento e desmantelamento do estado social e na imposição de uma ideia de inevitabilidade que transforma a política numa mera ratificação de escolhas já feitas.

Entre os subscritores estão artistas, desempregados, académicos e activistas de vários movimentos sociais

Manifesto dos 74 Nascidos depois de 74: *O Inevitável É Inviável.*

Somos cidadãos e cidadãs nascidos depois do 25 de Abril de 1974. Crescemos com a **consciência de que as conquistas democráticas e os mais básicos direitos de cidadania são filhos directos desse momento histórico**. Soubemos resistir ao derrotismo cínico, mesmo quando os factos pareciam querer lutar contra nós: quando o então primeiro-ministro Cavaco Silva recusava uma pensão ao capitão de Abril, Salgueiro Maia, e a concedia a torturadores da PIDE/DGS; quando um governo decidia comemorar Abril como uma «evolução», colocando o «r» no caixote de lixo da História; quando víamos figuras políticas e militares tomar a revolução do 25 de Abril como um património seu. **Soubemos permanecer alinhados com a sabedoria da esperança, porque sem ela a democracia não tem alma nem futuro.**

O momento crítico que o país atravessa tem vindo a ser aproveitado para promover uma erosão preocupante da herança material e simbólica construída em torno do 25 de Abril. Não o afirmamos por saudosismo bacoco ou por populismo de circunstância. Se não é de agora o ataque a algumas conquistas que fizeram de nós um país mais justo, mais livre e menos desigual, a ofensiva que se prepara – com a cobertura do Fundo Monetário Internacional e a acção diligente do «grande centro» ideológico – pode significar **um retrocesso sério, inédito e porventura irreversível. Entendemos, por isso, que é altura de erguermos a nossa voz. Amanhã pode ser tarde.**

O primeiro eixo dessa ofensiva ocorre no campo do trabalho. A regressão dos direitos laborais tem caminhado a par com uma **crescente precarização que invade todos os**

planos da vida: o emprego e o rendimento são incertos, tal como incerto se torna o local onde se reside, a possibilidade de constituir família, o futuro profissional. Como o sabem todos aqueles e aquelas que experienciam esta situação, a precariedade não rima com liberdade. Esta só existe se estiverem garantidas perspectivas mínimas de segurança laboral, um rendimento adequado, habitação condigna e a possibilidade de se acederem a dispositivos culturais e educativos. O desemprego, os falsos recibos verdes, o uso continuado e abusivo de contratos a prazo e as empresas de trabalho temporário são hoje as faces deste tempo em que o trabalho sem direitos se tornou a norma. Recentes declarações de agentes políticos e económicos já mostraram que a redução dos direitos e a retracção salarial é a rota pretendida. **Em sentido inverso, estamos dispostos a lutar por um novo pacto social que trave este regresso a vínculos laborais típicos do século XIX.**

O segundo eixo dessa ofensiva centra-se no **enfraquecimento e desmantelamento do Estado social**. A saúde e a educação são as duas grandes fatias do bolo público que o apetite privado busca capturar e algum caminho, ainda que na penumbra, tem sido trilhado. Sabemos que não há igualdade de oportunidades sem uma rede pública estruturada e acessível de saúde e educação, e estamos convencidos de que não há democracia sem igualdade de oportunidades. Preocupa-nos, por isso, o desinvestimento no SNS, a inexistência de uma rede de creches acessível, os problemas que enfrenta a escola pública e as desistências de frequência do ensino superior por motivos económicos. Num país com fortes bolsas de pobreza e com endémicas desigualdades, corroer direitos sociais constitucionalmente consagrados é perverter a nossa coluna vertebral democrática, e o caldo perfeito para o populismo xenófobo. Com isso, não podemos pactuar. No nosso ponto de vista, **esta é a linha de fronteira que separa uma sociedade preocupada com o equilíbrio e a justiça e uma sociedade baseada numa diferença substantiva entre as elites e a restante população.**

Por fim, o terceiro e mais inquietante eixo desta ofensiva anti-Abril assenta na **imposição de uma ideia de inevitabilidade que transforma a política mais numa ratificação de escolhas já feitas do que numa disputa real em torno de projectos diferenciados**. Este discurso ganhou terreno nos últimos tempos, acentuou-se bastante nas últimas semanas e tenderá a piorar com a transformação do país num protectorado do FMI. Um novo vocabulário instala-se, transformando em «credores» aqueles que lucram com a dívida, em «resgate financeiro» a imposição ainda mais acentuada de políticas de austeridade e em «consenso alargado» a vontade de ditar *a priori* as soluções governativas. Esta maquilhagem da língua ocupa de tal forma o terreno mediático que a própria capacidade de pensar e enunciar alternativas se encontra ofuscada.

Por isso dizemos: **queremos contribuir para melhorar o país, mas recusamos ser parte de uma engrenagem de destruição de direitos e de erosão da esperança. Se nos roubarem Abril, dar-vos-emos Maio!**

Subscrevem:

Alexandre de Sousa Carvalho
Relações Internacionais, investigador

Alexandre Isaac
Antropólogo, dirigente associativo

Alfredo Campos
Sociólogo, bolseiro de investigação

Ana Fernandes Ngom
Animadora sociocultural

André Avelãs
Artista

André Rosado Janeco
Bolsheiro de doutoramento

António Cambreiro
Estudante

Artur Moniz Carreiro
Desempregado

Bruno Cabral
Realizador

Bruno Rocha
Administrativo

Bruno Sena Martins
Antropólogo

Carla Silva
Médica, sindicalista

Catarina F. Rocha
Estudante

Catarina Fernandes
Animadora sociocultural, estagiária

Catarina Guerreiro
Estudante

Catarina Lobo
Estudante

Celina da Piedade
Música

Chullage
Sociólogo, músico

Cláudia Diogo
Livreira

Cláudia Fernandes
Desempregada

Cristina Andrade
Psicóloga

Daniel Sousa
Guitarrista, professor

Duarte Nuno
Analista de sistemas

Ester Cortegano
Tradutora

Fernando Ramalho
Músico

Francisca Bagulho
Produtora cultural

Francisco Costa
Linguista

Gui Castro Felga
Arquitecta

Helena Romão
Música, musicóloga

Joana Albuquerque
Estudante

Joana Ferreira
Lojista

João Labrincha
Relações Internacionais,
desempregado

Joana Manuel
Actriz

João Pacheco
Jornalista

João Ricardo Vasconcelos
Político, gestor de projectos, blogger

João Rodrigues
Economista

José Luís Peixoto
Escritor

José Neves
Historiador, professor universitário

José Reis Santos
Historiador

Lídia Fernandes
Desempregada

Lúcia Marques
Curadora, crítica de arte

Luís Bernardo
Estudante de doutoramento

Maria Veloso
Técnica administrativa

Mariana Avelãs
Tradutora

Mariana Canotilho
Assistente universitária

Mariana Vieira
Estudante de doutoramento

Marta Lança
Jornalista, editora

Marta Rebelo
Jurista, assistente universitária

Miguel Cardina
Historiador

Miguel Simplício David
Engenheiro civil

Nuno Duarte (Jel)
Artista

Nuno Leal
Estudante

Nuno Teles
Economista

Paula Carvalho
Aprendiz de costureira

Paula Gil
Relações Internacionais, estagiária

Pedro Miguel Santos
Jornalista

Ricardo Araújo Pereira
Humorista

Ricardo Lopes Lindim Ramo
Engenheiro civil

Ricardo Noronha
Historiador

Ricardo Sequeiros Coelho
Bolseiro de investigação

Rita Correia
Artesã

Rita Silva
Animadora

Salomé Coelho
Investigadora em Estudos Feministas,
dirigente associativa

Sara Figueiredo Costa
Jornalista

Sara Vidal
Música

Sérgio Castro
Informático

Sérgio Pereira
Militar

Tiago Augusto Baptista
Médico, sindicalista

Tiago Brandão Rodrigues
Bioquímico

Tiago Gillot
Engenheiro agrónomo, encarregado de
armazém

Tiago Ivo Cruz
Programador cultural

Tiago Mota Saraiva
Arquitecto

Tiago Ribeiro
Sociólogo

Úrsula Martins
Estudante

Para mais informações, contactar:

Miguel Cardina - 965113337

Lídia Fernandes - 964524818

João Labrincha - 960214787

Mariana Avelãs - 919848723